

## AS INTERPRETAÇÕES DISPONÍVEIS PARA OS MODAIS *PODE* E *DEVE* EM CONSTRUÇÕES COM PREDICADOS ADJETIVAIS

Núbia Saraiva Ferreira Rech<sup>1</sup>

Amanda e Sá Giachin<sup>2</sup>

nubiarech@uol.com.br

a.giachin@gmail.com

**RESUMO:** Os modais *pode* e *deve* constituem predicados funcionais que desencadeiam o processo de reestruturação, comportando-se como uma unidade sintática com o verbo de seu complemento (cf. RIZZI, 1982; BURZIO, 1986; CINQUE, 1999, 2006; entre outros). Como consequência, não selecionam argumentos nem dispõem de papel temático para atribuir, apenas subcategorizam um complemento, que assume a forma infinitiva. Como predicados funcionais, *pode* e *deve* expressam modalidade epistêmica e/ou de raiz. Embora esses verbos recebam, em muitos casos, uma interpretação ambígua, há contextos sintáticos que disponibilizam para *pode* e *deve* apenas a interpretação epistêmica. Para depreender quais propriedades atuam na determinação da leitura disponível para o modal, este estudo se propôs analisar contextos em que esses verbos formam sequência com predicados adjetivais. A análise dessas construções sinalizou na direção de que predicados adjetivais com um argumento [+volição] e [+controle] disponibilizam uma leitura ambígua para os modais, enquanto adjetivos com um argumento [-volição] e [-controle] oferecem restrições à modalidade de raiz. Para a análise dos adjetivos correspondentes a verbos, o critério passivização sintática e/ou adjetiva, proposto por Belletti & Rizzi (1988), mostrou-se igualmente importante: adjetivos que não figuram na passiva sintática oferecem restrição à modalidade de raiz. Supomos que tal restrição resulte do fato de esses adjetivos selecionarem um argumento com propriedades semânticas de afetado pelo processo, que não tem controle sobre este. Predicados adjetivais que selecionam argumentos com tais propriedades mostraram-se compatíveis apenas com a interpretação epistêmica.

**PALAVRAS-CHAVE:** *Pode* e *deve*; predicados adjetivais; restrições à modalidade de raiz.

### INTRODUÇÃO

Este artigo aborda os modais *pode* e *deve*, correspondentes aos núcleos Mod<sub>Epistemic</sub>,

<sup>1</sup> Doutora em Teoria e Análise Linguística. Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC. Departamento de Língua e Literaturas Vernáculas – DLLV.

<sup>2</sup> Mestranda em Estudos Linguísticos. Universidade Federal da Fronteira Sul – UFFS. Bolsa DS/CAPES.

Mod<sub>Volitional</sub>, Mod<sub>Permission</sub>, Mod<sub>Ability</sub> e Mod<sub>Obligation</sub>, da hierarquia de núcleos funcionais proposta por Cinque (2006). Esta é constituída também de núcleos associados a noções de tempo e de aspecto. Esses núcleos podem ser lexicalizados nas línguas naturais por diferentes categorias: verbos auxiliares, afixos ou advérbios, podendo um mesmo núcleo funcional estar associado a um afixo em uma língua e a um verbo auxiliar ou a um advérbio em outra. Por exemplo, a noção de aspecto retrospectivo, que corresponde ao verbo aspectual *acabar de* no espanhol e no português brasileiro (PB), é expressa por um elemento adverbial no italiano. Conforme o autor, os núcleos que ocupam as primeiras posições na hierarquia manifestam mais propriedades de predicado funcional do que os núcleos que os seguem; por consequência, é esperado que não ofereçam restrições expressivas ao seu complemento. A hierarquia de núcleos funcionais, transcrita em (1), foi extraída de Cinque (2006: 12):

(1)  
 MoodP<sub>speech act</sub> > MoodP<sub>evaluative</sub> > MoodP<sub>evidential</sub> > Mod<sub>epistemic</sub> > TP<sub>(Past)</sub> > TP<sub>(Future)</sub> > MoodP<sub>irrealis</sub> > Mod<sub>alethic</sub> > Asp<sub>habitual</sub> > Asp<sub>finally</sub> > Asp<sub>prepositional</sub> > Asp<sub>repetitive(I)</sub> > Asp<sub>frequentative(I)</sub> > Mod<sub>volitional</sub> > Asp<sub>celerative(I)</sub> > TP<sub>(Anterior)</sub> > Asp<sub>terminative</sub> > Asp<sub>continuative</sub> > Asp<sub>perfect</sub> > Asp<sub>retrospective</sub> > Asp<sub>proximative</sub> > Asp<sub>durative</sub> > Asp<sub>generic/progressive</sub> > Asp<sub>prospective</sub> > Asp<sub>inceptive</sub> > Mod<sub>obligation</sub> > Mod<sub>ability</sub> > Asp<sub>frustrative/success</sub> > Mod<sub>permission</sub> > Asp<sub>conative</sub> > Asp<sub>completive(I)</sub> > VoiceP > Asp<sub>celerative(II)</sub> > Asp<sub>inceptive(II)</sub> > Asp<sub>completive(II)</sub> > Asp<sub>repetitive(II)</sub> > Asp<sub>frequentative(II)</sub> ...

De acordo com essa proposta, pode-se depreender que o local onde a base modal é processada interfere na sua interpretação: (i) se ela ocorre nos domínios mais altos da hierarquia de Cinque, ela é epistêmica, correspondente ao núcleo Mod<sub>Epistemic</sub>; (ii) se ela ocorre nos domínios mais baixos, ela é de raiz (ou deôntica), correspondente aos núcleos Mod<sub>Volitional</sub>, Mod<sub>Obligation</sub>, Mod<sub>Ability</sub> ou Mod<sub>Permission</sub>, respectivamente.

Na modalidade epistêmica, o falante expressa seu julgamento sobre o status factual da proposição (PALMER, 2001: 8). Essa modalidade tem, portanto, sua base em crença ou conhecimento do falante em relação ao conteúdo proposicional, podendo indicar *probabilidade* ou *possibilidade* de ocorrência do evento, conforme ilustram, respectivamente, os exemplos a seguir:

- (2) a. Mariana deve estar no trabalho.  
 b. Mariana pode estar no trabalho.

Ambas as sentenças do exemplo (2) expressam modalidade epistêmica. A diferença

está no grau de certeza do enunciador em relação ao conteúdo enunciado. Em (2a), o emprego do modal *deve* sugere que o enunciador tem conhecimento de que o tempo no qual o enunciado foi proferido corresponde ao tempo em que Mariana costuma estar no trabalho, ou seja, sua afirmação é baseada em um conhecimento em relação ao conteúdo proposicional. Já a sentença (2b), com o emprego do modal *pode*, expressa uma entre outras possibilidades para a localização de Mariana, não sugerindo que o enunciador tem conhecimento sobre o turno e/ou horário exatos em que Mariana costuma estar no trabalho. Logo, a primeira sentença indica a probabilidade de ocorrência do evento, expressando um grau maior de certeza em relação ao conteúdo enunciado do que a segunda sentença, que expressa uma possibilidade, dentre outras tantas, de ocorrência do evento.

A modalidade de raiz tem sua base em regras ou na lei, partindo de uma imposição externa – frequentemente, a autoridade é o próprio falante, que dá *permissão* ou estabelece uma *obrigação* ao interlocutor (PALMER, 2001: 10). É importante observar que tais imposições podem ter também motivação interna – em que o sujeito se sinta impelido a fazer algo. Os exemplos a seguir ilustram o emprego dessa modalidade no PB:

- (3) a. O juiz determinou que *Pedro deve registrar a criança como seu filho*.  
(O juiz ordenou que Pedro registre a criança como seu filho – Mod<sub>Obligation</sub>)  
b. Papai prometeu que *Joana poderá viajar para o Canadá no próximo verão*.  
(Papai permitiu que Joana viaje para o Canadá no próximo verão – Mod<sub>Permission</sub>)  
c. Eu acho que você deve pedir desculpas ao Carlos.  
(Eu o aconselho a pedir desculpas ao Carlos – Mod<sub>Volitional</sub>).

No PB, as noções de *habilidade* e *capacidade* são lexicalizadas pelo modal *poder*, correspondente ao Mod<sub>Ability</sub> da hierarquia de núcleos funcionais proposta por Cinque. Conforme Givón (2001: 300), modalidade pode ser concebida como a atitude do falante em relação ao conteúdo veiculado por uma proposição e corresponder a dois tipos de julgamento: (i) o epistêmico, associado às noções de verdade, probabilidade, certeza, crença e evidência; e (ii) o deôntico (avaliativo), associado às noções de obrigação, intenção, preferência, habilidade, desejo e manipulação. Seguindo essa classificação, inserimos a noção de habilidade/capacidade no âmbito da modalidade deôntica (de raiz), por corresponder a um julgamento avaliativo. O exemplo (4) ilustra o emprego do núcleo Mod<sub>Ability</sub> no PB:

- (4) O médico garantiu que *Carlos poderá mover os membros superiores após a cirurgia*.

(Carlos *estará apto a/terá capacidade de* mover os membros superiores após a cirurgia).

O PB apresenta indícios de que os verbos correspondentes aos núcleos modal epistêmico (Mod<sub>Epistemic</sub>) e modais de raiz (Mod<sub>Volitional</sub>, Mod<sub>Obligation</sub>, Mod<sub>Ability</sub> e Mod<sub>Permission</sub>) seguem o ordenamento proposto por Cinque (2006) para as línguas românicas. Vejamos alguns exemplos a seguir:

- (5) a. O nome dos pais deve poder constar na ficha de inscrição.  
b. \*O nome dos pais pode dever constar na ficha de inscrição.
- (6) a. Um anjo deve poder voar.  
b. \*Um anjo pode dever voar.

Em (5a), o modal *deve* aciona tanto uma interpretação epistêmica quanto de raiz, denotando *probabilidade* ou *obrigação/obligatoriedade*. Já o modal *poder* aciona apenas uma interpretação de raiz, indicando *permissão*. Na hierarquia de núcleos funcionais, o Mod<sub>Epistêmico</sub> e o Mod<sub>Obrigaçã</sub> antecedem o Mod<sub>Permissã</sub>, explicando, assim, a boa formação de (5a), que segue esse ordenamento, e a agramaticalidade de (5b), que não o segue. As sentenças em (6) também estão de acordo com a hierarquia proposta por Cinque, pois é bem formada apenas a sentença (6a), em que o Mod<sub>Epistêmico</sub> *deve* antecede o Mod<sub>Habilidade</sub> *poder*. Os exemplos (5) e (6) constituem, portanto, evidências do PB em favor da proposta de um único ordenamento dos núcleos funcionais para as línguas românicas, uma vez que as sentenças bem formadas são aquelas em que os núcleos modais correspondentes a *dever* e a *poder* seguem rigidamente a ordem proposta na hierarquia.

Uma consequência direta do ordenamento de núcleos funcionais transcrito em (1) é que, inseridos em um núcleo funcional, os verbos não devem atribuir papel temático; logo, não possuem nenhum argumento próprio. De acordo com autores como Rizzi (1982), Burzio (1986), Cinque (1999; 2006), o uso de um verbo como predicado funcional deve desencadear a regra de reestruturação<sup>3</sup>. Conforme o esperado, os modais *pode* e *deve* não admitem CPs nem DPs na

---

<sup>3</sup> *I will argue for the existence of a restructuring rule in Italian syntax, that is, a rule which changes the structure of a phrase marker without affecting its terminal string. This rule, governed by a restrictive but significant class of main verbs, will be shown to optionally transform an underlying bisentential structure in a simple sentence, creating a unique verbal complex consisting of the main and the embedded verb* (Rizzi, 1982: 2). Com base em dados do italiano, Rizzi (1982) verificou que um grupo de verbos modais, aspectuais e de movimento se comporta como uma unidade sintática com o verbo de seu complemento infinitivo, podendo

posição de complemento<sup>4</sup>:

- (7) a. Marta pode/deve [<sub>VP</sub> estudar].  
b. \*Marta pode/deve [<sub>CP</sub> que estude].
- (8) a. Deus pode fazer tudo.  
b. Deus pode tudo.  
c. Tudo pode ser feito por Deus.  
d. \*Tudo é podido por Deus.

A má-formação da sentença (7b) resulta do desenvolvimento da sentença encaixada pelo acréscimo do complementizador *que*. A impossibilidade de um CP figurar na posição de complemento dos modais *pode* e *deve* ratifica suas propriedades funcionais, uma vez que CPs constituem argumentos. DPs, à semelhança de CPs, também constituem argumentos, por isso igualmente não são esperados na posição de complemento de um modal. Embora (8b) seja bem formada, a agramaticalidade de (8d), que corresponderia à sua forma passiva, evidencia que o DP *tudo* não constitui argumento interno do modal, e sim do infinitivo *fazer*, implícito na estrutura. (8b) apresenta, portanto, a mesma estrutura que (8a); por consequência, (8c) constitui a forma passiva de ambas<sup>5</sup>.

Parece ser o caso de os modais *pode* e *deve* constituírem núcleos funcionais quando subcategorizam um VP/infinitivo, estando este explícito ou implícito na estrutura. Esses modais projetariam, então, uma estrutura de alçamento, correspondendo a predicados inacusativos funcionais, o que implica a não seleção de argumentos e a não atribuição de papéis temáticos.

Os modais *pode* e *deve* com um predicado adjetivo na posição de seu complemento, que constituem objeto de investigação deste artigo, subcategorizam um inacusativo funcional. Este seleciona, como seu argumento interno, uma *small clause*, formada por um nome [DP] e por um adjetivo [AP], conforme o exemplo a seguir:

---

desencadear um processo de simplificação estrutural, o qual o autor denominou Reestruturação. Nesse processo, uma configuração originalmente bi-sentencial se transforma em mono-sentencial, formando um verbo complexo a partir do verbo da sentença matriz e do seu complemento.

<sup>4</sup> *Dever* aparece com complemento DP apenas como verbo lexical. Com este emprego, seleciona argumentos externo e interno – e lhes atribui papel temático. O sentido de *dever*, neste caso, é o de *ter uma dívida*, conforme o exemplo: *Marta deve dinheiro para o João*.

<sup>5</sup> Para um detalhamento desta proposta, ver Ferreira (2009).



igualmente predicados lexicais: *prosseguir* e *haver*, respectivamente, mas são inacusativos, selecionando apenas argumento interno e o marcando tematicamente como tema. A interpretação modal de raiz disponível para *pode* nessas sentenças é a de *permissibilidade*. Com essa noção, *pode* não oferece restrições severas ao seu complemento, subcategorizando também inacusativos. Como consequência, o modal de raiz *pode* com interpretação de *permissibilidade* figura em sentenças cujo sujeito não é, necessariamente, animado, como em (10b), ou ainda em sentenças sem sujeito, como em (10c). Cabe observar que a noção modal de *permissibilidade* corresponde igualmente ao núcleo Mod<sub>Permission</sub> da hierarquia de Cinque, com a diferença de que, com a noção de *permissibilidade*, o modal *pode* permite a realização do evento, sem explicitar a quem esta permissão está sendo dirigida diretamente. Cabe observar ainda que o núcleo Mod<sub>Obligation</sub>, lexicalizado no PB pelos verbos *dever* e *ter de/que*, se comporta de forma semelhante ao núcleo Mod<sub>Permission</sub>, podendo acionar uma leitura de raiz associada à noção de *obrigatoriedade*, como em *O nome dos pais deve/tem que constar na ficha de inscrição*.

Em (10d), o modal *deve* figura com um inacusativo funcional na posição de complemento: *ser*. Este, por sua vez, seleciona como seu complemento uma *small clause* (SC). O DP *Joana*, sujeito da sentença, constitui argumento externo do predicado da SC, o adjetivo *prudente*. Além da epistêmica, a interpretação modal de raiz está disponível para *deve*, que adquire uma conotação de *conselho* (Mod<sub>Volitional</sub>) nesta sentença. O adjetivo *prudente* seleciona um DP com os traços [+volição] e [+controle], disponibilizando a interpretação de raiz para o modal, pois estes são traços necessários à avaliação de um conselho.

O exemplo (11) apresenta sentenças em que *pode* e *deve* não são ambíguos. Nestas, a única interpretação disponível para os modais é a epistêmica:

- (11) a. Carlos pode ter viajado.  
b. Pode ser uma lesão grave.  
c. Deve chover à noite.  
d. João deve estar cansado.

Em (11a), o modal *pode* expressa a possibilidade de um evento ter ocorrido no passado. Inclusive, quando um modal no tempo presente se combina com uma forma no particípio passado, a interpretação modal de raiz é bloqueada.

Em (11b), o modal *pode* figura com o inacusativo funcional *ser* na posição de seu complemento. A única interpretação disponível para o modal nessa sentença também é a epistêmica, por o adjetivo selecionar um DP [-animado]: *uma lesão*, que não pode, por isso, manifestar *habilidade* (ser capaz de) ou receber *permissão* para realizar algo.

Em (11c), o modal *deve* subcategoriza o verbo lexical *chover*. Este não seleciona nenhum argumento; logo, não há a quem o verbo *deve* atribuir uma noção modal de *conselho* ou de *obrigação/obrigatoriedade*. Por isso, a única leitura possível é a epistêmica, em que *deve* indica a *probabilidade* do evento ocorrer.

Em (11d), *deve* figura com um verbo funcional na posição de seu complemento: o inacusativo *estar*. Este seleciona como argumento interno uma SC. O DP *João* constitui argumento do adjetivo *cansado*. Este seleciona DPs com os traços [-volição] e [-controle] e parece oferecer restrições à modalidade de raiz, disponibilizando para *deve* apenas a interpretação epistêmica.

Na próxima seção, apresentamos algumas propriedades características dos predicados adjetivais que podem estar vinculadas à interpretação disponível para o modal em uma sentença. Conforme dados desta seção, parece ser o caso de alguns predicados acionarem uma leitura ambígua para o modal, ao passo que outros bloqueiam uma leitura modal de raiz, disponibilizando apenas a epistêmica.

## 2. RESTRIÇÕES DE PREDICADOS ADJETIVAIS À MODALIDADE DE RAIZ

A partir deste ponto do artigo, passamos a focar sentenças em que os modais *pode* e *deve* figuram com um adjetivo na posição de seu complemento. Esta discussão parte dos exemplos (10d) e (11d), repetidos a seguir como (12a) e (12b):

- (12) a. Joana deve ser prudente.  
b. João deve estar cansado.

O adjetivo *prudente* aciona uma leitura ambígua para *deve*, entre modal epistêmico (*probabilidade*) e modal de raiz (*conselho*), conforme (12a). Já o adjetivo *cansado* aciona apenas a leitura epistêmica para o modal, conforme (12b). Supomos que essa diferença está relacionada à seleção de traços semânticos de cada um desses predicados. Nossa hipótese é

que a interpretação de raiz é disponibilizada para o modal quando o adjetivo requer um argumento com os traços semânticos [+volição] e [+controle], característicos do papel temático de agente, o que ocorre em (12a) com o adjetivo *prudente*. O adjetivo *cansado* não requer um argumento com os traços [+volição] e [+controle], uma vez que este parece sofrer os efeitos da realização de um evento. O predicado *cansado*, em (12b), descreve uma propriedade associada à noção semântica de *afetado*. Essa noção é comum aos argumentos marcados com papel temático de paciente que são causalmente afetados (cf. CANÇADO, 2013). É possível pensar em uma sentença como *João deve estar cansado por causa dos filhos/por causa do trabalho*, em que estes últimos constituintes correspondem ao *elemento causador* da mudança de estado em *João*. Logo, o adjetivo *cansado* requer um argumento afetado (*João*) e uma causa (*os filhos/o trabalho*), e não um agente. Como consequência, com um adjetivo como *cansado* na posição de complemento de um modal, a leitura de raiz é bloqueada.

Ao longo desta seção, serão investigadas algumas hipóteses sobre quais propriedades dos adjetivos são relevantes para a interpretação dos modais *pode* e *deve* como epistêmicos e de raiz. A principal hipótese deste estudo é que o predicado adjetivo na posição de complemento dos modais *pode* e *deve* interfere na sua interpretação. Adjetivos que requerem um argumento com os traços [+volição] e [+controle] disponibilizam uma interpretação ambígua para o modal: a epistêmica e a de raiz; e adjetivos que requerem um argumento com os traços [-volição] e [-controle] oferecem restrições à modalidade de raiz. Para esta análise, abordaremos, inicialmente, os adjetivos não correspondentes a formas verbais; na sequência, os adjetivos correspondentes a verbos de ação e, por fim, os correspondentes a verbos psicológicos.

## 2.1 CONSTRUÇÕES MODAIS COM ADJETIVOS NÃO CORRESPONDENTES A VERBOS

O exemplo a seguir apresenta sentenças em que os modais *pode* e *deve* figuram, na posição de seu complemento, com predicados adjetivais que requerem diferentes propriedades semânticas:

- (13) a. Pedro pode/deve ser *cauteloso/sincero/gentil*.  
b. João pode/deve ser *daltônico/alto/calvo*.

As sentenças em (13) ilustram contextos em que os modais se combinam com predicados adjetivais que não apresentam correspondência com formas verbais. A interpretação disponível para *pode* e *deve*, em (13a), é ambígua entre modal epistêmico e de raiz. Como modal epistêmico, *pode* está associado à ideia de *possibilidade*: *É possível que Pedro seja cauteloso/sincero/gentil*; já o modal *deve* expressa *probabilidade*, sendo empregado em contextos nos quais a afirmação é feita com base em alguma(s) evidência(s). Como modal de raiz, *pode* corresponde à ideia de *permissão*; e *deve*, à de *conselho*. Em (13b), a única interpretação disponível para os modais é a epistêmica, pois não é possível/esperado que se conceda permissão ou que se dê conselhos para alguém ser *daltônico*, *alto* ou *calvo*. Estes são predicados sobre os quais não se tem controle; logo, não se pode monitorá-los.

Um teste que permite verificar se um predicado é ou não passível de controle envolve o emprego da expressão *agir com*, que revela a presença de um argumento agentivo na estrutura. Vejamos os exemplos a seguir:

- (14) a. Carlos deve ser leal/inteligente/cauteloso/prudente/gentil/franco/sincero/paciente.  
 b. Carlos deve *agir com* lealdade/inteligência/cautela/prudência/gentileza/franqueza/sinceridade/paciência.
- (15) a. Pedro deve ser alto/calvo/albino/prematureo.  
 a'. Pedro deve estar febril/recluso.  
 b.\*Pedro deve *agir com* altura/calvície/albinismo/prematuridade/febre/reclusão.

Em (14a), o modal *deve* é ambíguo entre uma interpretação epistêmica (*probabilidade*) e de raiz (*conselho*). De acordo com nossa hipótese, isso indica que o predicado na posição de complemento do modal seleciona um argumento com os traços [+volição] e [+controle], o que permite o monitoramento do (processo de mudança de) estado descrito na sentença: *agir com lealdade/ inteligência/ cautela /prudência/ gentileza...* acarreta *ser leal/ inteligente/ cauteloso/ prudente/ gentil...* em determinada situação. Logo, estas são propriedades passíveis de monitoramento. Já nas sentenças (15a) e (15a'), o modal *deve* assume apenas uma conotação epistêmica. Isso ocorre porque os predicados adjetivais na posição de complemento do modal não selecionam um argumento [+volição] e [+controle], uma vez que os processos que descrevem não são passíveis de monitoramento. A diferença de gramaticalidade entre as sentenças do exemplo (15) revela que predicados como *alto*, *calvo*, *albino*, *prematureo*, *febril* e

*recluso* não admitem correspondência com a expressão *agir com altura/calvície/albinismo/prematuridade/febre/reclusão*. Esse teste nos permite constatar que os predicados em (14a) são passíveis de monitoramento, ao passo que os predicados em (15a) e (15a') não podem ser monitorados.

Cabe observar, entretanto, que identificamos, dentre os adjetivos não correspondentes a verbos, dois casos que selecionam argumentos [+controle] e [+volição] e cujos nomes correspondentes não coocorrem com a expressão *agir com*. São estes: *nu* e *só*. As sentenças a seguir ilustram essa restrição:

- (16) a. O paciente deve estar *nu/só*.  
b. \*O paciente deve *agir com* nudez/solidão.

Em (16a), o modal *deve* é ambíguo entre epistêmico e de raiz. A interpretação de raiz se torna disponível ao modal nesta sentença porque os predicados adjetivais *nu* e *só* são passíveis de controle. Este é exercido pelo DP argumento desses predicados (*O paciente*), que controla eventos como *tirar a roupa* e *isolar-se de pessoas*, os quais acarretam, respectivamente, os estados *estar nu* e *estar só*. Mesmo assim, nomes correspondentes a esses predicados reagem à expressão *agir com*, conforme a má-formação de (16b). Isso ocorre por não ser possível empregá-los para indicar o modo como um evento é realizado. A sentença *O paciente deve estar nu/só no exame* não indica o modo como *o paciente* deve se comportar durante o tempo em que está sendo examinado, diferenciando-se, assim, de uma sentença como *Pedro deve ser cauteloso/prudente no trânsito*. Esta indica o modo como Pedro deve se comportar enquanto dirige: *agir com cautela/prudência* pode significar, nesta situação, *não ultrapassar caminhões em faixa contínua*. Essas construções distinguem-se também pelo emprego da cópula *ser* e *estar*, aspecto que será abordado ao longo desta seção.

Os traços [+volição] e [+controle] correspondem a propriedades prototípicas do papel temático de agente. Estas permitem a um argumento ter controle sobre o (processo de mudança de) estado descrito na sentença, podendo desencadeá-lo e/ou interrompê-lo. Considerando essas propriedades, atentemos para as diferenças entre os predicados adjetivais empregados nas sentenças do exemplo (17):

- (17) a. *Pedro deve ser cauteloso no trânsito*, não excedendo o limite de velocidade da via.  
b. *Mariana deve estar febril*, já que tomou a vacina.

O predicado *ser cauteloso no trânsito* pode ser atribuído a Pedro, em (17a), se ele *não exceder o limite de velocidade da via*. Pedro tem controle sobre a velocidade do carro que guia, podendo monitorá-la; por consequência, controla também o predicado *cauteloso no trânsito*. É possível aconselhar Pedro a *ser cauteloso no trânsito* por esse predicado corresponder, neste exemplo, a respeitar o limite de velocidade da via. Já o predicado *febril*, em (17b), é desencadeado por um elemento causativo, e não por um agente. Logo, esse predicado não seleciona um argumento com os traços [+volição] e [+controle]. Na sentença (17a), o controle de Pedro sobre a velocidade do carro acarreta um controle também sobre o processo de mudança de estado *tornar-se cauteloso no trânsito*. Já em (17b), o fato de Mariana ter controle sobre o evento *tomar a vacina* não acarreta um controle sobre o predicado *estar febril*, pois Mariana pode *ter febre*, mesmo sem desejar que isso ocorra. Por fim, cabe ressaltar que o traço [+controle] está associado ao traço [+animado]. Um argumento [-animado] não pode controlar um evento ou estado, conforme se verifica na sentença ‘*O limite de velocidade da via tornou Pedro cauteloso*’, em que o predicado *ser cauteloso* não é desencadeado pelo *limite de velocidade da via*.

É importante observar ainda que os predicados adjetivais *cauteloso* e *febril*, em (17), diferem também pelo emprego da cópula: *cauteloso* pode figurar com as cópulas *ser* e *estar*; e *febril* se combina apenas com a cópula *estar*. Essa distinção parece, entretanto, não ser relevante na determinação da leitura do modal em construções com predicados adjetivais. Vejamos outros exemplos a seguir:

- (18) a. Carlos deve *ser alto/daltônico/albino*.  
 b. ??Carlos deve *estar alto/daltônico/albino*.
- (19) a. O homem deve *estar febril/recluso*.  
 b. ??O homem deve *ser febril/recluso*.

No PB, a distinção entre predicados adjetivais *individual level* e *stage level* pode ser capturada pela escolha da cópula *ser* ou *estar*, assim como pela combinação com advérbios temporais e/ou espaciais. A classificação de um predicado adjetivo em *individual level* ou *stage level* depende da relação – se permanente ou transitória – que o adjetivo estabelece com

o nome sobre o qual predica (cf. CHIERCHIA, 1995)<sup>7</sup>. Os predicados *alto*, *daltônico* e *albino* nomeiam propriedades inerentes ao indivíduo e são, preferencialmente, empregados com a cópula *ser*; como se depreende da diferença na aceitabilidade das sentenças em (18). Já os adjetivos *febril* e *recluso* descrevem estados e são, naturalmente, interpretados como transitórios. Estes se combinam com a cópula *estar*; conforme a boa formação de (19a) em contraste com a baixa aceitabilidade de (19b). Nesses exemplos, tanto os predicados do tipo *individual level* (*alto*, *daltônico* e *albino*), que figuram com a cópula *ser* em (18), quanto *stage level* (*febril* e *recluso*), que se combinam com a cópula *estar* em (19), selecionam um argumento marcado com os traços [-volição] e [-controle]. Em vista disso, disponibilizam para o modal *deve* apenas a interpretação epistêmica. Esses dados nos permitem supor que propriedades dos adjetivos que levam à distinção *individual level* e *stage level*, como a duração do evento e/ou o emprego da cópula *ser/estar*, não interferem diretamente na interpretação do modal.

Nesta subseção, analisamos construções com os modais *pode* e *deve* acompanhados de predicados adjetivais não correspondentes a verbos, buscando depreender quais propriedades desses predicados são compatíveis com a modalidade de raiz. A análise dessas construções nos permitiu constatar que a interpretação de raiz é disponibilizada para o modal apenas com adjetivos que requerem um argumento com os traços semânticos [+volição] e [+controle], como *cauteloso*, *franco*, *gentil*, *honesto*, *inteligente*, *sincero*, *paciente*, *prudente*, *nu*, *só*. Adjetivos que selecionam argumentos marcados com os traços [-volição] e [-controle], como *alto*, *calvo*, *daltônico*, *febril*, *feliz*, *recluso* e *prematuro*, disponibilizam para o modal apenas a leitura epistêmica. Constatamos, ainda, que a realização da cópula como *ser* ou *estar*, que tem sido associada na literatura linguística à distinção entre predicados *individual level* e *stage level*, não se mostrou relevante para a interpretação do modal nessas construções.

## 2.2 CONSTRUÇÕES MODAIS COM ADJETIVOS CORRESPONDENTES A VERBOS DE AÇÃO

Nesta subseção, serão abordados os predicados adjetivais correspondentes a verbos de

---

<sup>7</sup> I-level predicates express properties of individuals that are permanent or tendentially stable. S-level predicates, per contrast, attribute to individuals transient, episodic properties (CHIERCHIA, 1995: 176). O autor apresenta a combinação com advérbios temporais e espaciais como uma propriedade para distinguir predicados do tipo *individual level* de predicados do tipo *stage level*. Segundo o autor, os primeiros não se combinam com esses advérbios, salvo em contextos especiais; já os predicados *stage level* admitem essas expressões normalmente.

ação que figuram na posição de complemento dos modais *pode* e *deve*, como *condenado*, *violado*, *controlado*, *eleito*, *absolvido*, *revistado*, *organizado*, *limpo*, *maquiado*, *polido*, dentre outros. Esses adjetivos não oferecem restrições à modalidade de raiz, conforme ilustram as sentenças a seguir:

- (20) a. O auditório deve ficar *limpo/organizado* para o evento.  
b. O livro deve ficar *pronto* neste mês.

Em (20), o modal *deve* é ambíguo entre epistêmico, indicando *probabilidade*; e de raiz, denotando *obrigação*. Os predicados adjetivais *limpo* e *organizado*, em (20a), e *pronto*, em (20b), descrevem estados resultantes de eventos de natureza agentiva: *limpar*, *organizar* e *aprontar*, respectivamente. Logo, é possível inferir um argumento com os traços [+volição] e [+controle] nessas construções, o qual não se realiza em (20), por tais sentenças corresponderem à passiva adjetiva.

De acordo com Levin & Rappaport-Hovav (1986: 624), a estrutura passiva adjetiva se caracteriza, dentre outras propriedades, pela *mudança da categoria* [+V, -N] → [+V, +N], pela *externalização de um papel-θ interno do verbo de base* e pela *supressão do argumento externo do verbo de base*. As autoras observam ainda que o particípio passivo adjetivo é formado a partir de um particípio verbal e que as propriedades de uma passiva adjetiva são determinadas pelas propriedades lexicais da base verbal. Considerando isso, supomos que a existência de um argumento com os traços [+volição] e [+controle] em (20), mesmo sem realização fonética, torna disponível ao modal *deve* uma leitura de raiz, paralelamente à epistêmica.

É importante observar que todo verbo que seleciona um argumento com os traços [+volição] e [+controle] forma a passiva sintática, mas muitos destes oferecem restrições à formação da passiva adjetiva. Observemos os exemplos a seguir:

- (21) a. O policial *revistou/contestou/dispensou* Pedro.  
b. Pedro foi *revistado/contestado/dispensado* (pelo policial).  
c. \*Pedro ficou *revistado/contestado/dispensado*.
- (22) a. Cinco profissionais *maquiaram/produziram* as modelos para a sessão de fotos.  
b. As modelos foram *maquiadas/produzidas* (por cinco profissionais) para a sessão de fotos.  
c. As modelos ficaram *maquiadas/produzidas* para a sessão de fotos.

Verbos agentivos como *revistar*, *contestar* e *dispensar*, dentre outros tantos, formam apenas a passiva sintática, como se depreende do contraste de gramaticalidade entre as sentenças (21b) e (21c). Já verbos como *maquiar* e *produzir*, dentre outros, formam ambas as passivas, conforme a boa formação das sentenças em (22b) e (22c).

Os verbos agentivos admitem a formação da passiva sintática por selecionarem um argumento externo com os traços [+volição] e [+controle]. Como consequência, os adjetivos correspondentes a tais verbos descrevem estados desencadeados por um argumento agente.

Cançado (2013: 8) aplica um teste interessante para identificar traços agentivos em uma construção. Segundo a autora, predicados que selecionam um argumento agentivo se combinam com um sintagma instrumento. As sentenças em (23) ilustram como os adjetivos correspondentes a verbos de ação reagem a esse teste:

- (23) a. A roupa ficou limpa *com esse alvejante*.  
b. As modelos ficaram produzidas *com essas roupas*.

A boa formação das sentenças em (23) resulta das propriedades semânticas dos adjetivos *limpa* e *produzidas*, que selecionam, à semelhança dos verbos correspondentes, um argumento com os traços [+volição] e [+controle]. A possibilidade de combinar esses adjetivos com um sintagma instrumento revela que tais adjetivos requerem um argumento agentivo, mesmo sem sua realização fonética na sentença. Para *a roupa ficar limpa* e para *as modelos ficarem produzidas*, é necessário um argumento agentivo que realize os eventos *limpar a roupa* e *produzir as modelos*.

De acordo com nossa hipótese, os adjetivos correspondentes a verbos de ação não oferecem restrições à modalidade de raiz, devido aos traços agentivos presentes nessas construções. Vejamos, a seguir, outros exemplos em que modais figuram com esses adjetivos:

- (24) a. A roupa deve ficar *passada*.  
b. O pão deve ficar *partido/salgado*.

Nas sentenças em (24), o modal *deve* é ambíguo entre uma interpretação epistêmica (*probabilidade*) e de raiz (*obrigação*). A leitura de raiz se torna disponível para o modal por os predicados adjetivais *passada*, *partido* e *salgado* carregarem propriedades lexicais da base

verbal a partir da qual são formados. Tanto os predicados de natureza adjetiva quanto verbal requerem um argumento marcado com os traços [+volição] e [+controle], responsável pela realização dos eventos que acarretam os estados descritos em (24). Logo, as propriedades descritas pelos adjetivos em (24) são passíveis de monitoramento, através do controle que se exerce sobre os eventos dos quais descrevem o estado resultante.

Ao longo desta subseção, abordamos adjetivos correspondentes a verbos de ação, tais como: *violado, eleito, absolvido, limpo, sujo*. Estes selecionam um argumento marcado com os traços [+volição] e [+controle]. A análise de construções modais com o emprego desses adjetivos nos permitiu constatar, conforme o esperado, que tais predicados não oferecem restrições à modalidade de raiz, disponibilizando uma leitura ambígua para o modal.

### 2.3 ADJETIVOS CORRESPONDENTES A VERBOS PSICOLÓGICOS

Dedicamos esta subseção para tratar dos adjetivos correspondentes a verbos psicológicos. Estes denotam um estado emocional e têm, obrigatoriamente, um argumento experienciador gerado na posição de sujeito ou de complemento. A posição do experienciador em uma estrutura com verbos psicológicos tem sido apontada como um importante critério para a subdivisão desses verbos em mais de uma classe. Outros critérios que vêm sendo considerados na literatura linguística para sustentar uma subclassificação dos verbos psicológicos são a passivização sintática e/ou adjetiva, a ocorrência em construções ergativas e causativas e o fato de assumirem uma interpretação arbitrária quando um pro se realiza como sujeito da sentença<sup>8</sup>. Para este estudo, mostrou-se relevante o critério da passivização sintática e/ou adjetiva, o qual foi proposto por Belletti e Rizzi (1988) e tem sido aplicado à análise dos verbos psicológicos do PB por autores como Cançado (1996, 2002) e Cançado, Godoy & Amaral (2013).

Verbos psicológicos que selecionam um experienciador para a posição de argumento externo admitem a formação da passiva sintática, tais como: *temer, abominar, admirar, adorar, amar, cobiçar, desejar*, dentre outros. As sentenças (25a') e (25b'), a seguir, ilustram

---

<sup>8</sup> Para um detalhamento dessas propostas, ver Belletti & Rizzi (1988), Grimshaw (1990), Cançado (1996, 2002, 2013) e Naves (2005).

essa construção com *temer* e *admirar*:

- (25) a. Vocês temem este cão.  
a'. Este cão é temido (por vocês).  
b. Maria admira Carlos.  
b'. Carlos é admirado (por Maria).

Na formação da voz passiva sintática a partir desses verbos, o argumento experienciador se realiza como agente da passiva, podendo ficar implícito na sentença, conforme indicado pelo emprego dos parênteses em (25a') e (25b').

Há verbos psicológicos que, mesmo selecionando um experienciador para a posição de argumento interno, admitem igualmente a formação da voz passiva sintática. Este é o caso de *aborrecer*, *alarmar*, *ameaçar*, *animar*, *apavorar*, *aterrorizar*, *atormentar*, *entusiasmar*, *azucrinar*, *chatear*, *decepcionar*, *tranquilizar*, dentre outros. Vejamos os exemplos em (26):

- (26) a. Pedro aborreceu Maria.  
a'. Maria foi aborrecida (por Pedro).  
b. A professora tranquilizou a aluna.  
b'. A aluna foi tranquilizada (pela professora).

Verbos como *aborrecer* e *tranquilizar* atribuem, ao argumento externo, o papel temático de causa; e ao argumento interno, o de experienciador, conforme (26a) e (26b). Na formação da passiva sintática, em (26a') e (26b'), o experienciador torna-se sujeito da sentença, e o elemento causativo passa a desempenhar a função de agente da passiva, diferenciando-se, assim, dos verbos ilustrados em (25).

Conforme argumentado na subseção anterior, todo verbo que admite a formação da passiva sintática descreve um evento passível de monitoramento, mesmo que parcial. Como consequência, os adjetivos correspondentes a tais verbos descreveriam estados resultantes de eventos sobre os quais se tem controle. O controle sobre o (processo de mudança de) estado descrito pelo predicado adjetivo está, entretanto, condicionado à seleção de um argumento que exiba, necessariamente, o traço [+animado]. Observemos os exemplos a seguir:

- (27) a. Os fiéis respeitam a bíblia sagrada.  
a'. A bíblia sagrada é respeitada (pelos fiéis).  
b. Muitos colecionadores cobiçam essa coleção de selos.

b'. Essa coleção de selos é cobiçada (por muitos colecionadores).

As sentenças (27a') e (27b') correspondem à passiva sintática das sentenças (27a) e (27b), respectivamente. Essa flexão é possível por os verbos *respeitar* e *cobiçar* selecionarem como argumento externo DPs com o traço [+animado]: *os fiéis*, em (27a), e *muitos colecionadores*, em (27b). Estes têm controle, mesmo que não pleno, sobre os eventos *respeitar a bíblia sagrada* e *cobiçar essa coleção de selos*. O fato de esses argumentos poderem exercer a função de agente da passiva, em (27a') e (27b'), constitui um indício de que os eventos descritos nas sentenças são passíveis de monitoramento, uma vez que o papel temático de agente vem sendo associado na literatura linguística aos traços [+volição] e [+controle], conforme Cançado (1996; 2002) e Cançado, Godoy & Amaral (2013).

Já um argumento externo marcado com o traço [-animado] não poderá exercer controle sobre quaisquer eventos que possam acarretar o estado psicológico descrito na sentença. Como consequência, oferecerá restrições à formação da passiva sintática, conforme se verifica em (28b) a seguir:

- (28) a. Novos projetos entusiasmam Maria.  
b. #Maria é entusiasmada por novos projetos.

Em (28a), o verbo psicológico *entusiasmar* seleciona uma causa – o DP *novos projetos* – para a posição de argumento externo e um experienciador – o DP *Maria* – para a posição de argumento interno. Na formação da passiva sintática, o DP argumento externo da sentença passa a exercer a função de agente da passiva. Isso só será possível se este argumento exibir o traço [+animado]. Um argumento como *novos projetos*, por ser marcado negativamente para esse traço, não pode exercer tal função, conforme mostrado em (28b). É importante notar que (28b) é bem formada, mas não corresponde à passiva sintática de (28a), pois o sintagma *por novos projetos* não exerce a função de agente da passiva. Supomos que a restrição que um argumento causativo [-animado] oferece à formação da passiva sintática em construções com verbos como *entusiasmar* está relacionada ao traço [±controle].

Existem verbos psicológicos que oferecem restrições à passiva sintática, independentemente de figurarem com um elemento causativo [±animado]. Este é o caso de *angustiar* e *horrorizar*. Tais verbos se caracterizam por selecionar uma causa para a posição de argumento externo e um experienciador para a posição de argumento interno. É importante notar que o elemento causativo dessas construções, mesmo exibindo o traço [+animado], não

tem controle sobre nenhum evento que possa acarretar o estado psicológico descrito na sentença. Os exemplos a seguir mostram como esses verbos reagem à formação das passivas sintática e adjetiva:

- (29) a. Filhos adolescentes angustiam os pais.  
b. \*Os pais são angustiados por filhos adolescentes.  
b'. Os pais ficam angustiados com filhos adolescentes.
- (30) a. As últimas notícias horrorizaram João.  
b. \*João foi horrorizado pelas últimas notícias.  
b'. João ficou horrorizado com as últimas notícias.

O contraste de gramaticalidade entre as sentenças (29b)-(29b') e (30b)-(30b') revela que verbos psicológicos como *angustiar* e *horrorizar* oferecem restrição à passiva sintática, mas formam a passiva adjetiva. Isso ocorre porque a formação da passiva sintática requer a presença de um argumento com traços agentivos, enquanto a passiva adjetiva, por se caracterizar pela supressão do argumento externo do verbo de base, não impõe tal exigência. Na formação da passiva adjetiva, em (29b') e (30b'), o DP sujeito da sentença deve, necessariamente, exibir o traço [+animado], por receber marcação temática de experienciador, mas não é marcado com o traço [+controle]. Isso porque os verbos psicológicos que formam apenas a passiva adjetiva descrevem estados que não podem ser monitorados, ou seja, sobre os quais nem o experienciador nem o elemento causativo têm controle. Outros verbos que se comportam como *angustiar* e *horrorizar* em relação à formação das passivas sintática e adjetiva são: *abalar*, *abismar*, *acabrunhar*, *acanhlar*, *afetar*, *afligir*, *agoniar*, *alucinar*, *amargurar*, *baratinar*, *deprimir*, *enfessar*, *grilar*, *inquiatar*, entre outros.

Por fim, há verbos psicológicos que admitem a formação de ambas as passivas. Este é o caso de *alarmar*, *animar*, *apavorar*, *aterrorizar*, *atormentar*, *azucrinar*, *chatear*, *tranquilizar*, *traumatizar*, entre outros. Esses verbos selecionam igualmente uma causa para a posição de argumento externo e um experienciador para a posição de argumento interno. O aspecto interessante em relação a tais verbos é que podem figurar com um elemento causativo que tenha controle sobre eventos que podem desencadear o estado psicológico que descrevem, mas também podem figurar com um elemento causativo [-animado]; incapaz, portanto, de exercer controle sobre quaisquer eventos. Quando esses verbos se combinam com uma causa com o traço [+animado], admitem a formação da passiva sintática; quando a causa exibe,

entretanto, o traço [-animado], tais verbos formam apenas a passiva adjetiva. Vejamos os exemplos a seguir:

- (31) a. Carlos traumatizou Joana.  
b. Joana foi traumatizada por Carlos.  
b'. Joana ficou traumatizada.
- (32) a. O acidente traumatizou Joana.  
b. #Joana foi traumatizada pelo acidente.  
b'. Joana ficou traumatizada.

Em (31a), o verbo *traumatizar* se combina com um elemento causativo [+animado]: o DP *Carlos*. Em vista disso, admite a formação da passiva sintática, em (31b), e também da passiva adjetiva, em (31b'). É possível formar a passiva sintática a partir de (31a) porque o DP *Carlos* tem as propriedades semânticas necessárias à realização de eventos passíveis de gerar traumas, tais como: *ameaçar, violentar, torturar*, e *Carlos* pode realizar algum(ns) desses eventos com a intenção de gerar um trauma em *Joana*. Cabe ressaltar, contudo, que, mesmo nesses casos, *Carlos* não tem um controle direto sobre o estado psicológico de *Joana*, porque os eventos sobre os quais *Carlos* tem controle não acarretam, necessariamente, um trauma em *Joana*. A boa formação de (31b') indica que, a partir da sentença (31a), é aceitável formar também a passiva adjetiva, que se caracteriza, dentre outras propriedades, pela possibilidade de supressão do elemento causativo.

A sentença (32a), em que o verbo *traumatizar* figura com um elemento causativo [-animado], admite apenas a formação da passiva adjetiva, conforme apontam as diferentes leituras associadas às sentenças (32b) e (32b'). Embora uma sentença como (32b) seja aceita por falantes do PB, sua interpretação não corresponde à passiva sintática, uma vez que o sintagma *o acidente*, por exibir o traço [-animado], não pode exercer a função de agente da passiva. Já a sentença (32b') corresponde à passiva adjetiva, construção que não requer argumentos com traços agentivos. Logo, estados psicológicos descritos por verbos que admitem ambas as passivas podem ser marcados como [ $\pm$ controle]: quando se combinam com um elemento causativo [+animado], como em (31), serão marcados como [+controle]; quando figuram, entretanto, com uma causa com o traço [-animado], como em (32), serão marcados como [-controle].

A análise realizada ao longo desta subseção dá suporte para classificar os verbos

psicológicos da seguinte forma: (i) os que formam apenas a passiva sintática: *temer, abominar, admirar, adorar, amar, cobiçar, desejar*; (ii) os que formam apenas a passiva adjetiva: *abalar, abismar, acabrunhar, acanhar, afetar, afligir, agoniar, alucinar, amargurar*; e (iii) os que formam ambas as passivas: *alarmar, animar, apavorar, aterrorizar, atormentar, azucrinar, chatear, tranquilizar*. Nesta análise, constatamos também que o traço [+animado], condição para que um argumento controle a realização de um evento, é determinante na formação da passiva sintática, mas não da passiva adjetiva.

De acordo com nossa hipótese, em construções modais com predicados adjetivais correspondentes a verbos psicológicos, a interpretação de raiz estará disponível para o modal quando for possível inferir, em tais construções, um argumento [+volição] e [+controle]. Com base nos dados discutidos nesta seção, esses traços são requeridos apenas por predicados adjetivais formados a partir de verbos que admitem a passiva sintática, tais como *temido, admirado, cobiçado, respeitado, atormentado, azucrinado, chateado*, dentre outros. É esperado, portanto, que adjetivos como *aflito, deprimido, enfezado, grilado e inquieto*, que formam apenas a passiva adjetiva, ofereçam restrições à modalidade de raiz. O exemplo a seguir mostra construções com o modal *deve* acompanhado de adjetivos correspondentes a verbos psicológicos que formam apenas a passiva sintática:

- (33) a. Os adversários devem ser *respeitados/admirados* (por nossa equipe).  
b. O novo diretor deve ser *temido* (por todos).  
c. A estátua de Nossa Senhora deve ser *venerada* (pelos fiéis).

Os adjetivos *respeitados* e *admirados*, em (33a), *temido*, em (33b), e *venerada*, em (33c), selecionam um argumento experienciador com o traço [+animado]: *por nossa equipe, por todos* e *pelos fiéis*, respectivamente. Estes têm controle direto sobre as propriedades descritas pelos predicados adjetivais. Nessas construções, tais sintagmas constituem o agente da passiva, função compatível com argumentos que exercem controle sobre eventos. Nas sentenças em (33), são disponibilizadas para o modal *deve* tanto a leitura epistêmica, indicando *probabilidade*, quanto a de raiz, denotando *conselho* ou *obrigação*. Esses adjetivos correspondem a verbos psicológicos que formam a passiva sintática, mas oferecem restrições à passiva adjetiva. Outros adjetivos que apresentam as mesmas propriedades dos empregados nas sentenças do exemplo (33) e, por isso, se comportam de forma semelhante em relação à leitura que tornam acessível para o modal são *abominado, adorado, amado, cobiçado*,  
ReVEL, edição especial n. 8, 2014

*desejado, detestado, estimado, hostilizado, invejado, menosprezado, odiado, receado, subestimado, sublimado.*

A seguir, ilustramos construções modais acompanhadas de adjetivos correspondentes a verbos psicológicos que oferecem restrições à passiva sintática, formando apenas a adjetiva.

- (34) a. Pedro pode/deve ficar *deprimido* com o resultado dos exames.  
b. A família de Pedro pode/deve ficar *abalada/acabrunhada/aflita/alucinada/baratinada/deprimida/enfezada/grilada/horrorizada/inquieta* com esse diagnóstico.  
c. A Maria pode/deve ficar *preocupada* com o Pedro.

Os modais *pode* e *deve*, em (34), acionam apenas uma leitura epistêmica. Isso ocorre porque os predicados adjetivais na posição de seu complemento figuram com um elemento causativo que não exerce controle sobre o estado psicológico descrito na sentença. Cabe ressaltar que os verbos correspondentes aos predicados adjetivais empregados em (34) não selecionam um argumento com controle sobre o estado psicológico que descrevem. Em vista disso, os adjetivos podem figurar em construções com um elemento causativo marcado com o traço [-animado], como ocorre em (34a) — *com o resultado dos exames* — e em (34b) — *com esse diagnóstico*. Outros adjetivos que igualmente oferecem restrições à passiva sintática, disponibilizando apenas uma leitura epistêmica para os modais, são *abismado, angustiado, enfezado, inquieto*.

Predicados adjetivais que figuram em construções passivas sintáticas e também em adjetivas disponibilizam diferentes interpretações para o modal. Estas dependem de o elemento causativo ser marcado com o traço [+animado] ou [-animado]. Os exemplos a seguir ilustram construções modais com esses adjetivos:

- (35) a. No primeiro dia de aula, o aluno deve ser *encantado* pelos professores.  
b. Mariana não pode/deve ser *azucrinada* pelos colegas.  
c. Joana deve ser *intimidada* pelos acionistas.
- (36) a. Pedro pode/deve ficar *encantado* com o show.  
b. Mariana pode/deve ficar *azucrinada* com o trânsito intenso.  
c. Joana pode/deve ficar *intimidada* com o gravador.

As sentenças em (35) correspondem à voz passiva sintática. Os estados psicológicos descritos pelos predicados adjetivais *encantado, azucrinada* e *intimidada* são desencadeados

por argumentos marcados com traço [+animado]: *pelos professores, pelos colegas e pelos acionistas*, respectivamente. Essa propriedade permite que tais argumentos monitorem os estados psicológicos descritos nas sentenças. Como consequência, disponibilizam uma leitura ambígua para o modal, que pode ser interpretado como epistêmico ou de raiz. Já as sentenças do exemplo (36) estão flexionadas na voz passiva adjetiva. Essas construções diferem das do exemplo (35) por os estados psicológicos descritos pelos adjetivos serem desencadeados por argumentos [-animados], traço que os impede de controlar o (processo de mudança de) estado descrito nessas sentenças. Assim, oferecem restrições à modalidade de raiz. Por fim, é importante ressaltar que os adjetivos que formam ambas as passivas não constituem um contra-argumento à nossa proposta, uma vez que seu comportamento é sistemático, disponibilizando leitura ambígua para o modal quando figuram com um argumento [+animado], passível de exercer controle, e oferecendo restrições à modalidade de raiz quando figuram com um argumento [-animado], incapaz de monitorar eventos e estados.

Nesta subseção, propusemos uma classificação para os adjetivos correspondentes a verbos psicológicos a partir de sua ocorrência em construções passivas sintática e/ou adjetiva. Constatamos que predicados adjetivais que figuram apenas em passivas sintáticas selecionam um argumento marcado com o traço [+controle]; adjetivos que figuram apenas em passivas adjetivas selecionam um argumento marcado, necessariamente, com o traço [-controle]; já adjetivos que figuram em ambas as passivas podem selecionar tanto um argumento [+controle] quanto [-controle]. Por fim, analisamos o comportamento dos adjetivos correspondentes a verbos psicológicos em construções com os modais *pode* e *deve*. Esses dados ratificaram nossa hipótese principal, que é de que adjetivos com um argumento [+controle] disponibilizam leitura ambígua ao modal, ao passo que adjetivos com um argumento [-controle] oferecem restrições à modalidade de raiz.

### **3. PROPOSTA DE CLASSIFICAÇÃO DOS ADJETIVOS DO PB COM BASE NOS TRAÇOS [±VOLICÃO] E [±CONTROLE]**

Nesta seção, apresentamos nossa proposta de classificação dos predicados adjetivais correspondentes e não correspondentes a formas verbais. Nossa análise teve por base o emprego desses predicados em construções modais. Constatamos que os adjetivos interferem na interpretação do modal: alguns disponibilizam para o modal uma leitura ambígua,

enquanto outros oferecem restrições à modalidade de raiz. Seguindo esse critério, propomos uma classificação dos adjetivos do PB em dois grupos, conforme tabela a seguir:

	<b>GRUPO I: [+CONTROLE] [+VOLICÃO]</b>	<b>GRUPO II: [-CONTROLE] [-VOLICÃO]</b>
<b>ADJETIVOS NÃO CORRESPONDENTES A VERBOS</b>	cauteloso, franco, gentil, honesto, inteligente, leal, nu, paciente, prudente, sincero, só...	albino, alto, calvo, daltônico, febril, feliz, prematuro, recluso...
<b>ADJETIVOS CORRESPONDENTES A VERBOS DE AÇÃO</b>	absolvido, condenado, contestado, controlado, dispensado, eleito, limpo, maquiado, organizado, partido, passada, polido, produzido, pronto, revistado, sábio, salgado, sujo, violado...	
<b>ADJETIVOS CORRESPONDENTES A VERBOS PSICOLÓGICOS</b>	abominado, <u>aborrecido</u> , abrandado, acalmado, <u>acovardado</u> , admirado, adorado, agrado, <u>alarmado</u> , amado, <u>ameaçado</u> , <u>animado</u> , <u>apavorado</u> , aplacado, apreciado, <u>aterrorizado</u> , <u>atormentado</u> ,	abalado, abismado, <u>aborrecido</u> , acabrunhado, acanhado, <u>acovardado</u> , afetado, aflito, agoniado, <u>alarmado</u> , alucinado, amargurado, <u>ameaçado</u> , angustiado, <u>animado</u> ,

	<u>azucrinado</u> , <u>chateado</u> , cobiçado, conquistado, derrotado, desejado, <u>desiludido</u> , detestado, embromado, <u>encantado</u> , enganado, <u>entusiasmado</u> , estimado, <u>fascinado</u> , <u>fortalecido</u> , <u>honrado</u> , hostilizado, <u>humilhado</u> , importunado, influenciado, <u>intimidado</u> , invejado, <u>magoadado</u> , martirizado, menosprezado, <u>motivado</u> , odiado, pacificado, provocado, <u>purificado</u> , receado, <u>reconfortado</u> , respeitado, <u>suavizado</u> , subestimado, sublimado, temido, <u>tranquilizado</u> , <u>traumatizado</u> , venerado...	<u>apavorado</u> , <u>aterrorizado</u> , <u>atormentado</u> , <u>azucrinado</u> baratinado, <u>chateado</u> , deprimido, <u>desiludido</u> , <u>encantado</u> , enfezado, <u>entusiasmado</u> , escandalizado, <u>fascinado</u> , <u>fortalecido</u> , grilado, <u>honrado</u> , horrorizado, <u>humilhado</u> , inquieto, <u>intimidado</u> , <u>magoadado</u> , <u>motivado</u> , <u>purificado</u> , <u>reconfortado</u> , <u>suavizado</u> , <u>tranquilizado</u> , <u>traumatizado</u> ...
--	--	---

**Tabela 1:** Classificação dos adjetivos do PB com base nos traços [ $\pm$ volição] e [ $\pm$ controle].

Os adjetivos inseridos no grupo (i) disponibilizam duas interpretações para o modal: a epistêmica e a de raiz, enquanto os adjetivos do grupo (ii) acionam uma única interpretação para o modal: a epistêmica. É importante notar que tanto o grupo (i) quanto o grupo (ii) contêm adjetivos que não correspondem a formas verbais, bem como adjetivos que apresentam tal correspondência.

Os adjetivos do grupo (i) selecionam um argumento, necessariamente, [+animado]. Este tem natureza agentiva, exibindo os traços [+volição] e [+controle], o que o torna capaz de monitorar o estado psicológico descrito pelo predicado adjetivo. Já os do grupo (ii) não impõem as mesmas restrições. Estes podem figurar com um argumento [-animado], pois descrevem estados que não são passíveis de controle, nem mesmo indireto.

Ressaltamos, por fim, que alguns adjetivos correspondentes a verbos psicológicos – aqueles sublinhados na Tabela 1 – disponibilizam, em alguns contextos, uma leitura ambígua para o modal e, em outros, oferecem restrições à modalidade de raiz. Isso ocorre porque tais predicados podem figurar com um argumento [+animado] ou [-animado]. No primeiro caso, este poderá exercer um controle sobre o estado psicológico descrito pelo adjetivo; já no segundo caso, tal controle não é possível.

#### 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste artigo, foram investigadas propriedades dos adjetivos que interferem na leitura do modal. A abordagem desse tema partiu da hipótese de que alguns adjetivos disponibilizam

uma leitura ambígua para os modais, ao passo que outros oferecem restrições à modalidade de raiz. As propriedades que se mostraram determinantes neste estudo estão relacionadas aos traços semânticos [ $\pm$ volição] e [ $\pm$ controle]. Para a apreensão desses traços em construções com adjetivos não correspondentes a verbos, testamos sua ocorrência com a expressão *agir com*. Esse teste permite verificar se um predicado é ou não passível de controle, pois revela a presença de um argumento com traços agentivos na estrutura. Já em construções com adjetivos correspondentes a verbos, tais traços são evidenciados na (im-)possibilidade de passivização sintática e/ou adjetiva. Constatamos que os adjetivos que figuram em construções passivas sintáticas selecionam um argumento com os traços [+volição] e [+controle]; já os adjetivos que figuram apenas em construções passivas adjetivas requerem um argumento [-volição] e [-controle].

A partir da análise dessas propriedades, foi possível classificar os adjetivos do PB em dois grupos: (i) aqueles que selecionam um argumento [+volição] e [+controle]; e (ii) aqueles que selecionam um argumento [-volição] e [-controle]. Predicados adjetivais do grupo (i) acionam uma interpretação ambígua para o modal; enquanto predicados adjetivais do grupo (ii) oferecem restrições à modalidade de raiz. Importante notar que esta análise nos permitiu identificar propriedades comuns em predicados adjetivais correspondentes e não correspondentes a verbos. Isso nos levou a inserir, em um mesmo grupo, adjetivos como *prudente*, *limpo* e *abominado*, que selecionam um argumento marcado positivamente para esses traços. Procedemos da mesma forma em relação a adjetivos como *alto*, *calvo* e *enfestado*, os quais foram inseridos no grupo (ii), por requererem um argumento marcado negativamente para tais traços.

Os resultados desta pesquisa apontam que a leitura do modal é determinada pelo predicado que ocupa a posição de seu complemento: adjetivos como *prudente* e *organizado* disponibilizam para o modal tanto a leitura epistêmica quanto a de raiz, por selecionarem um argumento [+volição] e [+controle]; já adjetivos como *daltônico* e *aflito* restringem sua interpretação à epistêmica, uma vez que selecionam um argumento [-volição] e [-controle]. Dessa forma, parece ser o caso de os modais, tanto os epistêmicos quanto os de raiz, constituírem predicados funcionais, uma vez que não são os responsáveis pelas restrições impostas ao sujeito da sentença, que constitui argumento do predicado encaixado.

Os dados dessa análise vão na direção da proposta de Cinque (2006), que concebe os modais como núcleos funcionais integrantes de uma hierarquia comum às línguas românicas,

transcrita em (1). Kratzer (2013) também os considera verbos de função, embora observe que os modais apresentam comportamentos variados em diferentes línguas, aparentando serem verbos de conteúdo. Para a autora, tais verbos são operadores proposicionais que têm uma relação muito particular com o sujeito da sentença. Isto ficou evidenciado em nossa pesquisa, que revelou a correlação entre propriedades semânticas do sujeito relacionadas aos traços [ $\pm$ volição] e [ $\pm$ controle] e leitura modal.

Por fim, julgamos que as restrições à modalidade de raiz em construções com um sujeito marcado com os traços [-volição] e [-controle] ocorram igualmente em outras línguas. É possível, ainda, que tais restrições se manifestem também em contextos sintáticos nos quais os modais formam sequência com verbos inacusativos lexicais, que selecionam um argumento sem traços agentivos, à semelhança dos adjetivos do grupo (ii). Estes temas constituirão objeto de investigação futura.

À medida que se tornam verificáveis paralelos com outras línguas e com estruturas equivalentes em uma mesma língua, é possível supor que princípios da gramática, não apenas semânticos mas também sintáticos, estejam atuando nas restrições à modalidade de raiz. A proposta de hierarquia de núcleos funcionais (CINQUE, 2006), com a expansão do conjunto de projeções associadas aos diferentes núcleos indicadores de noções de modalidade, dá suporte para que se pense uma estrutura sintática para essas construções.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. BELLETTI, Adriana; RIZZI, Luigi. Psych verbs and theta-theory. *Natural Language and Linguistic Theory*, v. 6, 1988, p. 291-352.
2. BURZIO, Luigi. *Italian syntax*. Dordrecht: Ed. Reidel, 1986.
3. CANÇADO, Márcia. Análise descritiva dos verbos psicológicos do português brasileiro. *Revista de Estudos da Linguagem*, v. 1, n. 4, 1996, p. 89-114.
4. \_\_\_\_\_. Uma aplicação da teoria generalizada dos papéis temáticos: verbos psicológicos. *Revista do GEL. Número Especial: Em memória de Carlos Franchi*. Eds. Altman C., M. Hackerott e E. Viotti. São Paulo: Humanitas/Contexto, 2002, p. 93-128.
5. \_\_\_\_\_. Revisitando a noção de Papéis Temáticos de Cançado (2005). *Manuscrito*. Belo Horizonte: UFMG, 2013.
6. CANÇADO, Márcia; GODOY, Luisa; AMARAL, Luana. *Catálogo de verbos do português brasileiro: classificação verbal segundo a decomposição de predicados*. Belo ReVEL, edição especial n. 8, 2014

Horizonte: UFMG, 2013.

7. CHERCHIA, Gennaro. Individual-level predicates as inherent generics. In: CARLSON, G. N.; PELLETIER, F. J. (Eds.). *The Generic Book*. Chicago: The University of Chicago Press, 1995.
8. CINQUE, Guglielmo. *Adverbs and Functional Heads: A Cross-linguistic Perspective*. New York: OUP, 1999.
9. \_\_\_\_\_. *Restructuring and functional heads: the cartography of syntactic structures*. New York: Oxford University Press, 2006.
10. FERREIRA, Núbia Saraiva. *Auxiliares: uma subclasse dos verbos de Reestruturação*. 2009. 193f. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2009.
11. GIVÓN, Talmy. Tense, aspect and modality I.: functional organization. In.: *Syntax – an introduction*. V. 1. Amsterdam /Philadelphia: J. Benjamins, 2001.
12. GRIMSHAW, Jane. *Argument Structure*. Cambridge, Massachussets: MIT Press, 1990.
13. KRATZER, Angelika. *Mapping Possibilities*. Radcliffe Public Lecture. 2013. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=DAzSSEPJI2A>>. Acesso em: 19 set. 2014.
14. LEVIN, Beth & M. RAPPAPORT-HOVAV. The formation of adjectival passives. *Linguistic Inquiry*, n. 17, 1986.
15. NAVES, Rozana. *Alternâncias Sintáticas: Questões e Perspectivas de Análise*. Tese de Doutorado. Brasília: UnB, 2005.
16. PALMER, Frank. R. *Mood and modality*. 2. ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2001.
17. RIZZI, Luigi. *Issues in Italian Syntax*. Dordrecht: Ed. Foris, 1982.
18. STOWELL, Tim. Tense and modals. In J. Guéron e J. Lecarme (Orgs.) *The Syntax of Time*. Cambridge, Massachusetts: The MIT Press, 2004, p. 621-635.

**ABSTRACT:** The modals *pode (can)* and *deve (must)* constitute functional predicates that trigger a restructuring process, acting as a syntactic unit with the verb of its complement (cf. RIZZI 1982; BURZIO, 1986; CINQUE, 1999, 2006, among others). As a consequence, they do not select arguments nor have thematic role to assign, but only subcategorize a complement, which assumes the infinitive form. As functional predicates, *pode (can)* and *deve (must)* express epistemic and/or root modality. Although these verbs seem to behave ambiguously in several cases, there are syntactic contexts in which they allow only epistemic reading. In order to find out what properties act to determine the available interpretation of the modal, this research intended to analyze contexts in which

these verbs form strings with adjective predicates. The analysis of these constructions showed that adjective predicates with an argument [+volition] and [+control] allow an ambiguous reading for the modals, whereas adjectives with an argument [-volition] and [-control] show restrictions to root modality. For the analysis of the adjectives which correspond to verbs, the verbal and/or adjectival passivation, criterion proposed by Belletti & Rizzi (1988), was equally important: adjectives which cannot form verbal passive offer restriction to root modality. We assume that this restriction results from the fact that these adjectives select an argument with semantic properties of affected by the process, which does not have control over this. Adjective predicates that select arguments with such properties proved only compatible with the epistemic interpretation.

**KEYWORDS:** *Pode* and *deve*; adjective predicates; restrictions to root modality.